

Segredos da Beja Romana¹

Bruno Ferreira²

Actor e cronista

Para começar, quero deixar o meu enorme agradecimento pelo privilégio e oportunidade de poder contribuir para a apresentação desta obra, cujo lançamento se inseriu no Encontro Internacional “Escritas e Leituras do Passado Romano”, que decorreu na mui nobre cidade de *Pax Iulia* em Maio de 2024. E agradeço à Professora Maria da Conceição Lopes, em nome da Organização deste magnífico evento, o Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, o Museu Rainha Dona Leonor de Beja e o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, bem como à Comissão Organizadora deste evento.

Nota para a data escolhida deste encontro distar apenas uns dias do magnífico Festival Beja Romana, cada vez mais robusto, mais participado pela comunidade, mas também por instituições, escolas e empresas da cidade e da região. É um bom trabalho da Câmara Municipal de Beja, que por ele está de parabéns.

Agora o livro que hoje aqui nos reúne: Quem não gosta de conhecer um segredo? De sensação de desvendar o desconhecido? De ouvir pela primeira vez? Da emoção de abrir um baú de tesouro enterrado há milénios? Pois bem; é justamente isso que nos oferece esta obra do Professor Catedrático em Pré-História e Arqueologia, e especialista em Epigrafia Romana, José d’Encarnação.

Este “Segredos da Beja Romana” é uma obra que reúne dezenas de artigos do autor sobre inscrições romanas, originalmente publicados no Diário do Alentejo, com belíssimas ilustrações de José Luís Madeira, que serviu o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra durante 30 anos na área da maquetização gráfica e desenho arqueológico. A técnica mista dos seus preciosos trabalhos confere um brilho especial a este livro.

O “Encontro Internacional Escritas e Leituras do Passado Romano”, que coloca, mais uma vez, pela mão da Professora Conceição Lopes, Beja, a capital do *Conventus Pacensis*, no epicentro da arqueologia internacional, trazendo à cidade distintos nomes da epigrafia romana vindos de todo o mundo, celebra o 40º aniversário da prestigiada obra “Inscrições Romanas do *Conventus Pacensis*”, do nosso autor, o investigador José d’Encarnação. Foi em 1984 que o arqueólogo apresentou a sua obra, simultaneamente como tese de doutoramento, e que foi aprovada com distinção e louvor.

A este propósito, escreve o Professor Jorge de Alarcão, na introdução do livro, que a obra original “é, porém, um estudo académico e erudito”. Foi por isso que, no espírito de partilha para com a comunidade não especializada no tema, o autor publicou no Diário do Alentejo, e agora em

1 Texto referente ao livro “Segredos da Beja Romana”, de José d’ Encarnação, editado pelo CEAACP em Maio de 2024. O autor escreve segundo as normas do antigo acordo ortográfico.

2 brunoferreira74@gmail.com

livro, o estudo de algumas das mais interessantes inscrições da cidade e da região de Beja, com comentários e explicações acessíveis a todos os leitores.

De certa forma celebra-se, também, uma tradição que durante muitos anos marcou e divulgou internacionalmente a cena cultural em Beja, e hoje, infelizmente, deixada quase morrer por desinteresse cultural da nossa urbe. Falo da divulgação de textos, artigos e estudos da História de Beja nos jornais locais, como acontecia com “O Bejense”, de José Umbelino Palma, e que ainda subsiste no Diário Alentejo, de forma democraticamente acessível a todos quantos se interessem por estas matérias, sem olhar aos seus níveis de conhecimento.

Sobretudo, muita falta nos faz – à comunidade, mas sobretudo ao meio académico e científico – a saudosa e prestigiada revista “Arquivo de Beja”, uma publicação que, infelizmente, a edilidade bejense foi deixando fenecer, e que muito engrandecia a vida e história da nossa Cidade, do seu Distrito, e do Baixo Alentejo. Uma publicação de referência que durante décadas tornou públicos importantes estudos de vária ordem, monográficos, etnográficos, científicos, arqueológicos, arquitetónicos, literários, heráldicos, gastronómicos, antropológicos, históricos, de entre tantos outros ramos do saber, e que infelizmente desapareceu dos escaparates e das mãos dos leitores interessados. E com a perda desta publicação dissipa-se, também, parte do nosso património material e de costumes, paralisando-se a cultura.

É importante trazer de volta a revista do Arquivo Histórico, Boletim da Câmara Municipal de Beja. Que voltaria a promover e a instigar a investigação e a produção de artigos importantes sobre a história da Cidade, do Concelho, do Distrito, e do Baixo Alentejo, tornando mais rica a sua comunidade tanto para os de cá, quanto aos olhos dos que nos visitam e dos que nos estudam. Beja é demasiadamente importante – como de resto o atesta o livro hoje lançado, bem como este encontro de dois dias – para não ter o seu próprio Boletim do Arquivo Histórico.

Voltando ao nosso livro: é notável a forma aparentemente simples, mas apenas ao alcance de um grande conhecedor, como nos são contadas estas histórias da História; os capítulos; os segredos da Beja Romana. O autor trata por tu, ainda que com plena delicadeza, as pedras milenares que até hoje nos chegaram, muitas delas amputadas, outras tendo sido convertidas em soleiras de portas, partes de muralhas, sustentação de paredes ou, simplesmente, tendo sido abandonadas à sua sorte. José d’Encarnação analisa ao detalhe cada uma dessas pedras. Com a mestria e desenvoltura de quem muito sabe e conhece, desdobra-lhes as siglas e as abreviaturas dos epitáfios, fazendo crescer frases, dando-lhes assim, contexto e sentido.

Estamos a falar, na sua maioria, mas não apenas, de pedras tumulares. Dos testemunhos que as inscrições e os textos dessas pedras nos permitem, mais dois milénios depois, descobrir. Como epitáfios de amor; de honrarias a um bravo centurião; homenagens a uma mulher amada; a um escavo libertado; a um amo benemérito; a um honorável da comunidade; a um profissional de excelência; a uma criança que partiu antes de tempo; a um casamento de 40 anos e um mês... epitáfios da autoria de servos e senhores, de pais, mães, filhos e até de avós. Que a todos os seus entes queridos tentavam garantir – como se escrevia no momento da despedida, e para a eternidade – que a terra lhes fosse leve. Em latim, *Sit Tibi Terra Levis*. É através das inscrições de pedra, feitas livros abertos, que José d’Encarnação desvenda inúmeros segredos e nos leva a tomar consciência de uma cidade viva. Há 2000 anos. A nossa cidade. A Colónia de *Pax Iulia, Pax Augusta, Civitas Pacensis*, capital do extenso e insigne *Conventus Pacensis*. Com outros intervenientes, outros poderes, outros negociantes e artistas, outro povo que, mais não é, senão nosso antepassado.

Contudo, e apesar de se debruçar mormente sobre o momento da passagem para o etéreo, este livro conta-nos histórias inteiramente vivas. Com uma escrita acessível e apelativa, o autor escreve como se falasse com o leitor. Desafia-o; coloca-lhe questões, indaga-o sobre hipóteses. Trata-se, no fundo, de uma conversa entre o autor e os seus leitores. Um diálogo cativante e envolvente.

A base de todo o desenrolar da trama – e permitam-me usar a expressão numa obra que é eminentemente científica, mas faço-o pelo sentido de proximidade que o livro carrega em si – são os escritos lavrados nas pedras, sejam elas mármore de Trigaches, Estremoz ou de Vila Viçosa, ou ainda arenitos. Este é o ponto de partida para o desvendar de todos os segredos da Beja Romana que o autor nos propõe.

A epigrafia funerária romana da cidade. As divindades a quem se encomendava o acompanhamento eterno dos féretros queridos. A onomástica dos monumentos votivos que nos deixou, aqui, mesmo debaixo dos nossos pés, a civilização do grande império.

A leitura e classificação dos sulcos das pedras, os seus textos, as abreviaturas, a reconstituição das letras desaparecidas, o estudo de capitéis, colunas, bases, placas, as inscrições de lápides, aras e estelas, urnas e jazigos, das suas formas raras ou tradicionais, e dos seus ornamentos decorativos. O que poderia, à partida parecer um tema ténico, ou soturno, é-nos, afinal, contado de forma límpida e fascinante através dos textos de José d'Encarnação e das ilustrações de José Luís Madeira.

De resto, cidades há em que os cemitérios, mais do que espaços de dor, são como jardins. De paz e tranquilidade. É assim que vejo este livro. Um *giardino segreto*; um jardim de História, e muitas histórias, onde por vezes parece que passeamos no milenar Monte Palatino, da *Mater Roma*, inspirados pelas ilustrações que nos conduzem, por entre ciprestes, oliveiras e pinheiros, à descoberta das belas pedras, partes de templos, o que resta de uma estátua equestre, uma coluna ou um capitel.

De notar a análise cuidada e explicativa das técnicas de desenho dos caracteres dos canteiros, os que eram profissionais e os amadores, as variantes gráficas e as suas esquadrias, a paginação, o tamanho e corte das letras, os instrumentos de corte, desenho e escultura, os adornos da pedra. É a partir do estudo destes elementos que o autor consegue chegar ao estatuto social, à família, profissão e, muitas vezes, à origem do defunto. Com uma fina agulha histórica, José d'Encarnação cose informações antigas, deixadas por outros estudiosos, a novos dados e interpretações sobre as pedras romanas de Beja, o seu paradeiro e as suas origens. Do que era típico, ou exclusivo da colónia pacense; das influências que chegaram pela mão dos colonos que os imperadores enviaram para robustecer a cidade; das coisas únicas que aqui foram feitas, e que nem em Mérida, que fora pujante capital da Lusitânia, se acharam iguais.

Através da leitura deste livro ficamos, também, a conhecer o mapa do paradeiro de tantas peças romanas, devidamente inventariadas, originárias da *Colonia Pax Iulia* e seus arrabaldes. Das que estão onde devem estar, na cidade a que pertencem, seja no Museu Rainha Dona Leonor, seja noutros locais da actual Beja.

Mas também ficamos a saber do paradeiro das que foram desviadas para Lisboa, Montemor-o-Novo ou Évora, estas últimas levadas daqui pelo Bispo Manuel do Cenáculo, do museu que cá fundou, e do qual só não levou o que não conseguiu para a sua próxima paragem na arquidiocese eborense. A este propósito, o autor chega a propor a execução da cópia de uma lápide para figurar no Museu onde deveria estar. Aqui. A ideia é magnífica. Mas, ainda assim, acrescento eu: que fique a cópia onde o original não pertence, e que regresse o verdadeiro a sua casa.

Apesar de tudo, temos a sorte de estar em Beja. Reconstruída vezes sem conta sobre a antiga *Pax Iulia*. E, certamente, os maiores tesouros estarão, ainda, por descobrir. Houvesse uns óculos especiais que permitissem ver através das paredes, e por debaixo das pedras da calçada, e que precisidades poderíamos observar na nossa cidade.

Por falar em tesouros, é justo que aproveite o momento para referir a *Villa Romana* de Pisões, às portas de *Pax Iulia*. Até porque é tema recorrente nas páginas deste livro. Como poderia não sê-lo? Foi uma das mais interessantes descobertas arqueológicas de Beja, e do País, no séc. passado, mais concretamente em 1964. A sua importância era tal que o espaço foi classificado como Imóvel de Interesse Público em 15 de Maio de 1970. Pouco tempo depois de descoberta, as escavações foram iniciadas e decorreram a grande ritmo, durante várias décadas, pondo a descoberto o autêntico tesouro de Pisões. Contudo, sobretudo depois do dobrar do século, os trabalhos foram deixando de acontecer, dando lugar, primeiro, a obras de conservação e restauro do espaço, e depois, paulatinamente, a um prolongado e desértico abandono. Que se estende até hoje.

Não existe um percurso físico delimitado para os turistas evitarem pisar espaços sensíveis. A circulação dos visitantes deveria fazer-se por intermédio de passadiços, a fim de melhorar a experiência da visita e, ao mesmo tempo, preservar a estrutura; os painéis com informação estão queimados pelo sol ao ponto de não se conseguirem ler; há pedaços de argamassa a desfazerem-se, por sujeitos às condições do clima: alaga-se no Inverno, estala de calor e queima a cor dos painéis de mosaicos no Verão; o núcleo central do edificado deveria estar coberto, protegendo-o do sol e da erosão da chuva - e tantas vezes de granizo, potencialmente destruidor das frágeis estruturas; a estrada que até lá conduz é própria para tractores; não existe um contentor para depositar os resíduos produzidos por turistas, ou pela zeladora do espaço, e que assim se amontoam e espalham, ao sabor do vento, na berma de uma estrada nacional, no mesmo cruzamento que conduz à turística Praia dos 5 Reis.

Toda esta situação decorre de as ruínas não serem tuteladas nem pelo Governo, nem pela Câmara Municipal de Beja. Mas pela Universidade de Évora, que assim as tem destruído. É minha firme convicção que devem ser envidados todos os esforços por parte da CMB para que o espaço reverta a favor da autarquia que, seguramente, lhe destinará dignidade e protecção ao nível do que o seu valor exige, ao invés do doloroso abandono a que está sujeito. Não fora a empenhada D. Conceição, a zeladora do espaço, que explica aos visitantes com amor e paciência o que pode e sabe - e sabe muito! - as ruínas romanas de Pisões pareceriam quase abandonadas.

Mas voltemos às coisas boas. Regressemos ao livro que aqui nos trouxe. Que nos deixa saber que a condição dos servos, e da própria mulher, não eram exclusivamente compostas pela tirania implacável que tantas vezes, por desconhecimento, imaginamos. A mulher tinha influência, peso e intervenção, e os escravos possuíam direitos e, amiúde, eram libertados, passando a servos libertos. Por ser uma importante cidade, *Pax Iulia* tinha servos ao seu serviço, para se realizarem as monumentais construções, como o Fórum construído no tempo de Tibério, apesar do centro histórico de Beja - e quem o refere é quem tem a maior propriedade para o fazer: a Professora Conceição Lopes - ter a particularidade de apresentar no mesmo local o período republicano, o período augustano e o templo de culto imperial, o que o torna num “complexo histórico e arqueológico fabuloso”. Ao que o Professor Jorge de Alarcão acrescenta, “a cidade romana de Beja era muito

mais importante do que a cidade romana de Conímbriga”. Os servos que ajudaram a contruir esta cidade imperial, conta-nos o autor, um dia, por iniciativa dos magistrados ou a pedido da população, ou porque esses servos foram amealhando pecúlio capaz de lhes comprar a liberdade, tornavam-se libertos. Tudo isso vamos ficar a conhecer melhor através das páginas deste livro. E seguramente que os que o lerem ficarão mais ricos.

Já vai longa esta minha intervenção. Termina-a como comecei. Agradecendo a todas estas entidades envolvidas neste Encontro, e fazendo-o em nome da Professora Maria da Conceição Lopes, também por ser ela uma das mais prestigiadas investigadoras nacionais e além-fronteiras, e paralelamente das maiores conhecedoras do património histórico e arqueológico das, por ela assim designadas, “Cidades de Beja”.

Distinguida, agraciada, respeitada em Portugal, e em vários países de diversos continentes, tem como maior distinção do seu trabalho de várias décadas, e que ficará para a história, o estudo, a valorização e a promoção da arqueologia de Beja, na senda de grandes vultos do seu ofício como Abel Viana, Leite de Vasconcelos, André de Resende, Jorge de Alarcão, Cláudio Torres, Fernando Nunes Ribeiro, entre outros, escassos, porque raros, excelsos arqueólogos portugueses.

Foi a Professora Conceição Lopes a responsável pela confirmação da localização do Fórum Romano no local onde se encontra, paredes meias com a Praça da República, perímetro que, segundo a historiadora, foi a zona mais procurada da cidade desde a Idade do Ferro. A arqueóloga iniciou os trabalhos de escavação no local em 1997. E ali permaneceu, até 2022, a descobrir, a desvendar, a estudar, aproximando-nos do berço histórico de *Pax Iulia*, através de importantes achados arqueológicos que trouxe à luz do dia, engrandecendo e enaltecendo a história e o aprendizado de Beja, e tornando-a conhecida e apetecível pelos quatro cantos do mundo.

Durante o quarto de século que devotou, sem reservas, e muitas vezes a expensas próprias, à história da Capital do Baixo Alentejo, organizou diversos colóquios internacionais em torno do espaço, participou em palestras em vários países, publicou escritos em diversas publicações de referência, deu ao prelo livros sobre a urbe, falou com jornalistas de vários idiomas, promovendo, com orgulho, a história ímpar da nossa cidade imperial romana. Ali permaneceu até a deixarem. Infelizmente não teve, em Beja, o mesmo e justo acolhimento que granjeou nos palcos mais prestigiados pelo mundo fora, e que aqui não viu, por parte do governo da cidade, à qual dedicou toda uma carreira e vida de trabalho. Porque falamos de História, será o tempo a encarregar-se de escrever esta. Porque, como nos demonstra o livro que hoje poderão ler, por mais escondidos que estejam os factos, eles são sempre decifráveis. Espero, e desejo, contudo, a bem de *Pax Iulia*, que considero maior do que todos nós, que este cenário se normalize o mais prontamente possível, também a bem de todas as partes envolvidas. Juntos seremos sempre mais fortes. Até porque Beja precisa de união como de pão para a boca. Muito obrigado, muitos parabéns aos autores e aos promotores. As maiores felicidades, e *Vivat Civitas Imperialis Pax Iulia!* Viva a cidade imperial de *Pax Iulia!*